

## PREFÁCIO

*Vera da Silva Telles*

Cortiços, favelas, moradias autoconstruídas. Variações do "viver em risco" que marca as condições urbanas de vida dessas populações. Perspectivas diferentes pelas quais se faz a experiência da cidade sob o signo da vulnerabilidade e da ausência de garantias sociais. É isso e mais do que isso o que o leitor apreende e aprende ao longo da leitura deste novo livro que Lúcio Kowarick agora nos entrega. Os diversos perfis da cidade de São Paulo vão sendo desenhados a partir das falas e narrativas dos diversos personagens que comparecem ao longo destas páginas, encenando os dramas do cotidiano vivido nos cortiços do centro da cidade (Capítulo 3), nas moradias autoconstruídas em um bairro distante da periferia paulista (Capítulo 4) e em uma favela situada na zona oeste da cidade (Capítulo 5). Resultado de uma pesquisa desenvolvida com uma equipe formada por pós-graduandos da Universidade de São Paulo, é sobretudo pelos fios cruzados dessas histórias, nas cenas urbanas em que elas acontecem, que Lúcio Kowarick faz ver e compreender o modo como traços persistentes de uma urbanização excludente e predatória se atualizam e se reconfiguram na São Paulo de hoje, anos 2000.

Na verdade, é na economia interna desse livro notável, na tessitura de cada capítulo e nos fios que os articulam que se tem o registro da importância da discussão proposta. Os avatares de uma urbanização excludente que deita raízes em nossa história, vulnerabilidade e exclusão urbana, os problemas da moradia precária, tudo isso já foi vasculhado por pesquisas várias, já foi estudado, medido, diagnosticado. A importância desse livro não está propriamente na reafirmação desses aspectos conhecidos de nossa história urbana. A novidade vem do modo como as situações são postas lado a lado, no jogo de perspectivas que vão se perfilando ao longo das páginas, seguindo os fios traçados pelas várias histórias encenadas pelos seus personagens que tomam a palavra para falar e dizer não apenas de seus dramas, mas da cidade em que vivem, que conhecem, que experienciam. Aqui, o impacto das imagens oferecidas pelo belíssimo trabalho fotográfico de Antônio Saggese vai muito além da mera ilustração, são imagens que compõem com a escritura, também nos fazem ver e perceber o que está em jogo nas várias cenas e situações aqui descritas. De partida, os sentidos do morar e viver em São Paulo. Sentidos que qualificam cada uma das situações, mas que se especificam no seu contraponto, nas categorias mobilizadas para explicar por que "morar aqui e não lá". Moradores de cortiço: o ajuntamento de pessoas e famílias, cubículos minúsculos e escuros, a convivência difícil, a exasperação com os ruídos, os cheiros, os horários descompassados do entra e sai constante, a privacidade impossível, a humilhação com o uso comum dos chuveiros e das latrinas, por vezes mais de trinta pessoas para cada banheiro, verdadeiras filas de espera para o seu uso. Mas "é melhor aqui do que amassar barro na periferia", o Centro tem de tudo, tudo acontece no Centro, os empregos, os serviços, lazer, sociabilidade, a animação das ruas, tudo ao contrário das distâncias, do isolamento, dos vazios e do barro amassado das periferias. Na ótica desses, dos que "amassam barro", o jogo de perspectivas se altera. É um bairro distante, loteamento aberto na chamada fronteira urbana, histórias recentes, dos anos 1990, ponto de partida para o empreendimento da

autoconstrução da moradia, mobilizando os expedientes da autoajuda e solidariedade local: é tudo difícil, os deslocamentos e o acesso aos serviços básicos, mas é melhor isso do que o "gasto inútil do aluguel", porque sem um lugar próprio para construir casa e família, as pessoas têm que se sujeitar ao amontoamento dos "pátios" dos cortiços, e daí "viram bicho", ou então têm que colocar suas vidas sob o signo da sujeira, da desordem, da violência, da bandidagem desses "covis de maloqueiro" que são as favelas. Imagens que carregam a força de todos os estigmas associados a cortiços e favelas, mas que são mobilizados para conferir sentido e plausibilidade a ordens de vida que se estruturam nos frágeis equilíbrios do trabalho incerto e da ausência de garantias: figurações de uma insegurança projetada no "lado de lá", cortiços e favelas, vistos como sina dos que não conseguem garantir um lugar no mundo, mas que, por isso mesmo, sinalizam os sentidos do "viver em risco" que compõe o lote de cada um, e todos, nas periferias urbanas.

Nesse jogo de pontos e contrapontos, os moradores de favelas têm, por sua vez, que lidar com a força dos estigmas que fazem parte das coisas da vida — "morador de favela sofre, tudo de ruim que acontece é nossa culpa, é muita humilhação". Estigmas que persistem ao passar do tempo, apesar das favelas já não serem mais residuais na cidade de São Paulo (1,6% da população em 1950, 8,7% em 2000), apesar de terem deixado de ser lugar transitório, de passagem, para os recém-chegados à "cidade grande", tendo se firmado como alternativa de moradia para os milhares que vêm obstadas as chances de acesso à casa própria, mesmo que seja na mais distante das periferias da cidade. São vidas e são gerações que traçam lá mesmo os seus percursos e destinações, entre as vantagens relativas dos baixos custos da moradia e os estigmas que pesam sobre o lugar, além da ameaça sempre presente, real ou potencial, de se verem despojados de tudo por conta de alguma política de remoção, mais uma entre uma longa seqüência delas que acompanharam, desde sempre, a história da cidade. Mas é aqui também que se esclarece um dos pontos fortes da discussão proposta por Lúcio Kowarick. Na verdade, uma questão central que perpassa cada uma das histórias relatadas e cada uma das cenas urbanas descritas nesses capítulos: os sentidos da precariedade urbana e da vulnerabilidade de vidas que se estruturam nos limites da pobreza, entre as circunstâncias do desemprego, do trabalho precário e da ausência de garantias sociais. É verdade, Lúcio Kowarick diz, enfatiza e documenta, que muita coisa mudou na cidade de São Paulo: as periferias estão longe das imagens de desolação de trinta anos atrás, as redes urbanas chegaram lá — também para as favelas, os indicadores de habitabilidade melhoraram; também no caso das favelas, a paisagem urbana é hoje muito diversificada e heterogênea, não mais cabendo na binaridade centro-periferia de tempos atrás. Pois é nesse cenário urbano alterado em relação às décadas passadas que essas histórias acontecem. E são elas que dão como que o roteiro por meio do qual o autor reativa os sentidos do "viver em risco" que já havia sido discutido em livro recente (2008), relança a noção de "subcidadania" trabalhado em seus *Escritos urbanos* (2000) e, ainda mais, reatualiza a pertinência da noção de *espoliação urbana*, título de livro (1979) que marcou toda uma geração de pesquisadores, para dar conta das dimensões de exploração, dominação e controle inscritas nos processos de urbanização. Não por acaso, na abertura de cada um desses capítulos, há a marcação das atualidades de processos históricos e contextos sociourbanos que situam os cortiços, a moradia autocons-truída e as favelas na cidade de São Paulo. Ênfase importante para lembrar a presença das marcas da *longue durée* nas inflexões urbanas recentes. Persistências e diferenças, é disso que é feita a dinâmica urbana e é isso que se faz necessário conhecer. E Lúcio Kowarick não descuida, sobretudo no último capítulo, de mostrar o sentido das mudanças recentes, o feixe de causalidades que regem os descompassos e assimetrias inscritas na modernização urbana dos últimos anos,

acarretando uma verdadeira explosão demográfica nas periferias mais distantes, ainda maior nas chamadas fronteiras urbanas: entre as circunstâncias do trabalho precário e a alta dos custos da moradia nas regiões mais urbanizadas, as duas faces da reconfiguração econômica e urbana dos anos 1990, restam as ocupações e as favelas para acolher esses milhares de homens e mulheres em busca de um lugar no mundo para construir casa e família. São esses processos, entre persistências e diferenças, que estão cifrados nas histórias e situações descritas nesses capítulos, e são elas, sobretudo essas histórias, que dão o fio que esclarece os sentidos do "viver em risco" sob as circunstâncias da vulnerabilidade social e ausência de direitos.

Porém, nessas histórias há ainda outros fios que Lúcio Ko-warick trata de puxar para falar da cidade e seus sentidos. Ao longo dos capítulos, o que vai sendo figurado é a diversidade interna a cada uma das situações, muito longe das estereotípias no mais das vezes estigmatizadoras que prevalecem quando se fala de cortiços, de favelas ou das periferias distantes, mas também da abstração desencarnada dos indicadores que medem essas realidades. Em cada uma das situações estudadas, com variações próprias aos seus respectivos contextos, há uma vida social intensa, feita de encontros e desencontros, de solidariedades e disputas, de diferenças e convergências, de distâncias e partilha de destinos comuns, de esperança e desencantos, sociabilidades de circunstância ou aquelas tecidas em histórias partilhadas e destinações comuns. Tudo isso em meio a tramas urbanas que estabelecem as relações entre a casa e a rua, de modo que essas vidas abrem-se para uma vida urbana que, no caso das favelas e bairros periféricos, é feita nas trocas e interações por entre os pequenos serviços locais, o comércio de rua, as lojas de variedades, os armazéns, bares, igrejas, jogos de rua, mas também as histórias de crime, de mortes violentas, a truculência da polícia, os medos e a insegurança de vidas que se estruturam no fio da navalha. No caso dos cortiços, as portas se abrem para o caleidoscópio de situações próprias do centro da cidade, com toda sua agitação, movimentação intensa, ruas fervilhantes de pessoas e acontecimentos, de oportunidades de trabalho ou de ganho ocasional que se distribuem entre prestação de serviços, empreendimentos variados, comércio, as miríades de ambulantes que se espalham por todos os lados. Porém, essa circulação variada também desenha a cartografia de uma cidade feita de "vidas em contraste": riqueza e pobreza se cotejam ali o tempo todo, nos usos da cidade, mas sobretudo na disputa acirrada pelos seus espaços, bens e serviços. E é isso que se delinea no contraponto e confronto entre os hoje celebrados e midiáticos projetos de "revalorização urbana", que prometem a "cidade segura", limpa e higienizada, quer dizer, segregada e disciplinada e, de outro lado, o "direito à cidade" vocalizado por miríades de movimentos, associações, fóruns, que articulam sob modalidades diversas a população díspar que, entre cortiços, prédios ocupados ou ruas, habita na região e circula por seus espaços. Confrontos que atualizam a exigência e reivindicação de moradia e direitos agora lançados no coração mesmo de uma disputa em torno dos destinos possíveis desse centro nervoso e pulsante da cidade de São Paulo. No capítulo sobre os cortiços, ao compor a cena urbana em que seus personagens vivem suas histórias, o autor situa esses embates e seus atores e com isso, na lógica mesma da escritura, lança uma questão central nesse livro (e em todos os anteriores): a cidade como espaço de lutas e o conflito como dimensão estruturante das dinâmicas urbanas e suas evoluções no tempo. Esse, a rigor, é o plano de referência conceitual de Lúcio Kowarick e também o horizonte político ao qual seus escritos se abrem. É o que comanda a escritura de cada um dos capítulos deste livro, fazendo aparecer o lugar dos conflitos, dos movimentos, das reivindicações, dos atores em ação nos contextos urbanos em que as histórias se desenrolam.

Em outro registro, esse sentido político está presente logo na abertura do livro. Está

presente no andamento interno dos dois primeiros capítulos, no modo como deslinda o "nebuloso e complexo debate" sobre a "parcela dos que estão à margem, desligados, desenraizados dos processos essenciais da sociedade". As categorias explicativas que circulam no debate acadêmico não são entidades conceituais desencarnadas e desligadas dos campos políticos de embates e debates que atravessaram e atravessam as sociedades atuais. E isso que Lúcio Kowarick faz ver com o exercício dos "olhares cruzados" com que busca situar e contrapor a questão tal como posta nos Estados Unidos e na França (Capítulo 1) e, a partir daí, lançar a interrogação acerca do sentido político inscrito nas categorias e chaves explicativas mobilizadas no contexto intelectual e político brasileiro (Capítulo 2). Nos Estados Unidos, *underclass* é a noção que estrutura um debate de aberta conotação político-ideológica no contexto de uma tradição liberal que tem como axioma a autonomia dos indivíduos dotados de vontade e responsabilidade por suas vidas e destinos. Lúcio Kowarick reconstrói os avatares dessa noção, lançada nos debates abertos em meio às turbulências dos anos 1960, marcados pela questão racial, pela luta por direitos civis, pelo questionamento dos mitos da "sociedade da abundância" e que iria se desdobrar nos programas conhecidos como *War on Poverty* da administração democrática de Lyndon Johnson. Nos anos que se seguem, a retórica conservadora ganha terreno, passa a predominar na virada neoliberal dos anos 1980 e 1990 e é nesse contexto que a noção de *underclass* ganha entonações acusatórias relacionadas ao chamado *welfare dependency* para então fixar o seu sentido: uma subclasse, gente incapaz de gerir suas próprias vidas, que vivem na indolência, ociosidade, nas situações de desorganização familiar, álcool, drogas e criminalidade. *Blaming the victim*, feroz culpabilização dos indivíduos pela sua situação de pobreza: é nessa chave que a questão da pobreza é posta e figurada sob uma lógica que retira qualquer legitimidade à própria noção de direitos, enfatizando os deveres e a responsabilidades de cada um por sua situação.

No contraponto da matriz liberal americana, a tradição republicana francesa enfatiza a responsabilidade pública pelos destinos dos seus cidadãos. É nesse contexto que cobra sentido a noção de exclusão que marca o debate acadêmico e político na França. A "questão social" aqui é eminentemente uma questão pública: assume contornos visíveis na crise de moradia que explode no pós-guerra e nos amplos programas de construção dos conjuntos habitacionais que marcam a paisagem urbana francesa; iria ganhar outras conotações ao longo dos chamados "Trinta Anos Gloriosos" nas figuras dos excluídos do "progresso" do período. A partir dos anos 1970, mais intensamente nas décadas seguintes, no contexto da crise da sociedade salarial, entra em cena a figura dos "desfilhados", noção cunhada por Robert Gastei, referência obrigatória nesse contexto polêmico, para falar de uma crise que se instaura no núcleo mesmo da sociedade francesa, por conta da erosão da malha de direitos e garantias sociais construídos na relação salarial. Nos embates e polêmicas que atravessam a sociedade francesa nesses anos, se tem os registros do esfacelamento de um modo de vida de tradição operário-popular. É isso o que iria ser dramaticamente encenado nas *émeutes* que explodem nas periferias francesas a partir dos anos 1980: em torno delas, a problemática urbana entra em pauta, ganha nova centralidade, é figurada como um dos eixos da questão social, estruturando todo um campo de debates acadêmicos, de polêmicas políticas, também de intervenção pública.

No Brasil, os percursos são outros. Para situá-los, Lúcio Kowarick toma como ponto de partida a questão posta em nossa atualidade: o descompasso entre a consolidação democrática e a vulnerabilidade em relação aos direitos básicos, sociais e civis. Cidadania truncada, bloqueios à universalização dos direitos civis e sociais: esse é o nó a ser deslindado na sociedade brasileira. E é por referência a essa questão que Lúcio Kowarick propõe recuperar e repensar os debates que aqui se abriram nos anos 1960--1970.

Antecedentes teóricos, atualidades conceituais: é nessa dupla chave que o autor reativa o sentido de um debate que, naqueles anos, girava em torno dos destinos possíveis da sociedade brasileira (e da América Latina). O contexto: as perplexidades e dilemas postos pela derrota das esquerdas em 1964, ano do golpe militar, mas também as turbulências que agitavam os países da América Latina. Na pauta: os macroprocessos históricos e estruturais que definiam os rumos e futuros possíveis da sociedade brasileira, e de "*Nuestra América*". Polêmicas, por vezes ferozes, de evidente sentido político em torno do então chamado capitalismo dependente, sua crise e possibilidades de desenvolvimento. A questão das desigualdades e o problema dos excluídos dos processos societários eram então declinados nos termos postos pela noção de marginalidade, do exército industrial de reserva e da superexploração do trabalho. Nos anos 1980, seriam outros os modos de interrogar a questão social. Eram os anos da mobilização democrática, a questão dos direitos pautava as discussões, o movimento operário e sindical ocupava a cena política, os movimentos sociais agitavam as periferias urbanas. A "sociedade salarial" tal como configurada no contexto francês, relações sociais mediadas por instituições, direitos e garantias sociais, nunca se efetivou entre nós, mas era figurada, naqueles anos, como horizonte político, referência e aposta política em uma universalização dos direitos de cidadania a ser conquistada na dinâmica dos conflitos. É essa linhagem do pensamento crítico que Lúcio Ko-warick recupera. É nessa linhagem que ele próprio se filia para discutir a conjuntura social aberta nos anos 1990, com o aumento do desemprego, a precarização do trabalho e a vulnerabilidade social. Lúcio recupera a noção de desfiliação lançada por Robert Gastei na França, para falar dos sobrantes do mercado de trabalho, os "inúteis do mundo", gente descartada e que vive a experiência do desenraizamento do mundo do trabalho. A questão posta nos anos 1980 é reativada no modo como a noção de exclusão é formulada, como denegação de direitos e privação de reconhecimento sob o signo da estigmatização, das várias modalidades de discriminação. Essa a matriz das desigualdades e das injustiças persistentes, consteladas no cenário de nossas cidades e agora amplificadas por processos intensos de vulnerabilidade socioeconômica e civil. É nisso que se especifica a questão aqui proposta e que será trabalhada em cada um dos capítulos deste livro. Essa é a cunha crítica que Lúcio introduz no debate, nesses tempos em que predomina algo como um pragmatismo gestor, sob a égide das urgências declinadas no presente imediato. Pois bem, as questões propostas nesse livro não cabem nessa espécie de gestão das urgências a que parece, agora, ter se reduzido a questão social. E esse é o ponto, ponto crítico, talvez o lance mais importante deste novo livro de Lúcio Kowarick.